

Corregedoria da corporação abre inquérito para investigar um tenente e dois soldados. Eles são acusados de agir com truculência e abuso de autoridade

PMs agridem rapaz no Guará

LEANDRO BISA

DA EQUIPE DO CORREIO

Um tenente e dois soldados do 4º Batalhão de Polícia Militar (Guará) são acusados de agir com truculência e abuso de autoridade. O corregedor-geral da PM, coronel Francisco Maia, identificou os militares ontem à tarde. Maia determinou que eles sejam afastados da função enquanto as investigações não terminarem. Há um mês, o trio parou um casal de jovens em uma área verde, entre as QEs 17 e 19 do Guará II, para uma abordagem de rotina. Após revistar os jovens, um PM agrediu o rapaz com um soco na costela. Ele não sabia, mas um cinegrafista amador filmou tudo.

O cinegrafista, que preferiu não se identificar, afirmou que além de socar o rapaz, o policial deu vários tapas na cabeça dele. Os tapas não teriam sido filmados porque a bateria da câmera terminou. O caso ocorreu na noite de 3 de março, uma sexta-feira.

Apesar de as imagens estarem escuras, a corregedoria da PM não teve dificuldade para descobrir os agressores. Isso porque o caso foi registrado na

4ª DP (Guará), uma vez que a jovem foi flagrada com um grama de maconha. Segundo o delegado-chefe da 4ª DP, João Carlos Lóssio, o casal não reclamou de maus-tratos. "Eles não disseram nada", lembrou o delegado. Pelo contrário, graças ao testemunho da mulher, que contou como havia comprado a droga, investigadores da delegacia conseguiram prender dois traficantes. Um deles era procurado há muito tempo.

A cena gravada mostra o estudante M.E.B.S. de pernas abertas e com as mãos sobre o capô da caminhonete X Terra, número 1375, do 4º BPM, sendo revistado por um policial. D.R.A., 20 anos está parada ao lado, cercada pelos outros policiais. Após revistar o rapaz, um dos PMs olha para os lados, como se quisesse se certificar de que não era observado, e dá o soco. O corregedor-geral da PM reconheceu que o tenente e os soldados abusaram da função. "O procedimento ocorreu de forma 'redondinha', como costumamos dizer. Porém, no final, ele pôs tudo a perder. Não aceitamos esse tipo de comportamento. Não é isso que ensinamos nas nossas escolas", afirmou Maia.

Marcelo Ferreira/CB/Reprodução/TV Globo



CINEGRAFISTA AMADOR REGISTROU A ABORDAGEM POLICIAL, ENTRE AS QES 17 E 19

O coronel se recusou a divulgar o nome dos policiais, com a alegação de que o caso ainda não foi concluído. O tenente e os dois soldados prestaram depoimento no final da tarde, mas, de acordo com o corregedor, ninguém assumiu ser o agressor. Maia afirmou que todos podem ser responsabilizados e processados da mesma forma. Ele disse que as vítimas serão procuradas para prestar depoimento e, caso concordem, poderão apontar o policial que deu o soco. Os PMs podem ser in-

diciados por injúria, constrangimento ilegal, condescendência criminosa, abuso de poder e agressão. Se condenados, as penas variam de três meses a dois anos de prisão.

Áreas carentes

O promotor Paulo Gomes de Sousa Júnior, da Promotoria de Justiça Militar do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, não se surpreendeu ao assistir o flagrante. "Apuramos aqui casos mais graves, inclusive de tortura.

O problema é que 99,9% das agressões não são filmadas", comentou o promotor. Ele afirmou que a maioria dos abusos policiais ocorre em áreas mais pobres.

As reclamações contra policiais lideram a lista de denúncias feitas na Comissão de Direitos Humanos da Câmara Legislativa do DF. Das 140 reclamações recebidas em 2005, 39 referem-se a abusos de violência e maus-tratos cometidos por policiais. O número representa 27,8% do total de denúncias. O promotor Paulo Gomes afirmou que, apesar do problema existir e ser grave, a direção da PM e a Corregedoria têm atuado de forma exemplar. "O caso do Bope (leia memória abaixo), que é muito parecido com esse, já está na fase de interrogatório", lembrou Gomes, responsável pelo caso.

Segundo o promotor, a questão é cultural e não se restringe à polícia brasileira. Para Paulo Gomes, a violência policial ocorre em todo país. "O brasileiro, infelizmente, aceita isso. Muita gente concorda que marginais sejam agredidos. Os policiais acabam se sentindo livres para agir desta forma em qualquer situação", concluiu.

MEMÓRIA

1º de janeiro de 2005

Cinco jovens foram espancados por um sargento e quatro soldados do Batalhão de Operações Especiais (Bope) na Esplanada dos Ministérios, após o fim da festa de réveillon. A cena de agressão foi filmada por um cinegrafista amador. Um dos jovens foi agarrado pelo cabelo e girado no ar.

Resultado do Inquérito Policial Militar (IPM): Todos os militares foram indiciados por injúria, constrangimento ile-

gal e condescendência criminal. Os nomes dos acusados não foram divulgados.

24 de setembro de 2004

Os estudantes Evandro Neri de Souza, 15 anos, e Hemerson Dias de Moura, 17, foram espancados por um oficial do Bope na passarela subterrânea da 110 Sul. Os jovens haviam saído da escola há poucos minutos e vestiam uniforme. O policial disse ter pensado que eles eram bandidos.

Resultado do IPM: O tenente

Ricardo Ferreira Napoleão responde a processo por lesão corporal. Ele ainda não foi julgado.

5 de setembro de 2004

Srael Soares de Oliveira, 25 anos, morreu com um tiro na nuca durante perseguição policial nas ruas de Taguatinga. Uma equipe do 8º Batalhão da PM (Ceilândia) tentou abordar o Santana dirigido pelo jovem, mas ele se recusou a parar. Ele não tinha carteira de habilitação. Mais de 20 tiros foram disparados pelos poli-

ciais. Merla e maconha foram encontradas no Santana em quantidade insuficiente para configurar tráfico.

Resultado do IPM: O cabo Edson Alberto dos Reis e os soldados José Moura de Oliveira e José Deli Pereira foram indiciados por homicídio. Os militares aguardam julgamento em liberdade.

31 de julho de 2004

Fernando Maia, 21 anos, morreu com um tiro na cabeça em frente ao Brasília Shopping,

na W3 Norte. O rapaz havia saído de Valparaíso para buscar a namorada no shopping. Quatro PMs, num veículo de patrulhamento, fecharam o Kadett de Fernando, acreditando que fosse um carro suspeito. De dentro do veículo, um soldado atirou sem dizer uma palavra.

Resultado do IPM: O soldado Marcos Aurélio Epifânio, 25 anos, foi indiciado por homicídio e aguarda o julgamento em liberdade. Ele vai à júri popular.